



abag

Citricultura brasileira: a necessidade de diversificar

Almir Pinto da Cunha Sobrinho(*)

Orlando Sampaio Passos

Walter S. Soares Filho



A citricultura brasileira apresenta números impressionantes, que traduzem a enorme importância econômica e social que a cultura dos citros assume para o País. Alguns desses números são mostrados resumidamente a seguir:

- A área plantada com citros gira em torno de 1 milhão de hectares, e a produção de frutos é de cerca de 18 milhões de toneladas, as maiores do mundo citrícola, já há alguns anos.
- O País é o maior produtor (47% da produção mundial) e exportador (80% do total exportado) de suco concentrado congelado de laranja. De cada 10 copos de suco de laranja consumidos nos países importadores, oito são brasileiros.
- As exportações de suco concentrado e subprodutos têm carreado para o País divisas da ordem de 1,5 bilhão de dólares anuais.
- O negócio citrícola brasileiro oferece mais de 500 mil empregos diretos e indiretos, número superior ao que é oferecido por todas as montadoras de veículos instaladas no Brasil.

Apesar de sua pujança, a citricultura brasileira apresenta pontos de vulnerabilidade que exigem uma análise criteriosa e medidas sérias e urgentes para que esses desapareçam ou sejam minimizados e, nunca é demais dizer, seja preservada essa enorme riqueza nacional.

Um dos pontos fracos da citricultura é a pequena diversificação das variedades, tanto porta-enxertos quanto copas comerciais. Considera-se a situação dos porta-enxertos mais preocupante ainda que a das variedades copa: estima-se que existam mais de 200 milhões de plantas enxertadas no limoeiro Cravo em todo o país, atingindo as seguintes proporções nos estados maiores produtores: São Paulo (95%); Rio de Janeiro (100%); Minas Gerais (98%); Bahia (98%); Sta. Catarina (89%); Paraná (80%); e, Sergipe (50%). Esse é o único Estado onde há um certo equilíbrio entre dois porta-enxertos, usando-se 48% do Rugoso da Flórida, além do Cravo. Deve-se considerar, contudo, que a participação do Cravo na década de 70 era insignificante e que seu avanço foi muito grande. O único estado onde o Cravo não predomina é o Rio Grande do Sul, ocorrendo aí outro abuso, por conta e risco unicamente do citricultor - o *Poncirus trifoliata* é o porta-enxerto de 90% das plantas dos pomares gaúchos. É bom que se diga que essa cultivar apresenta problemas sérios na Argentina e Uruguai, podendo acontecer o mesmo naquele estado, vizinho a esses dois países.

Esses dados comprovam que o citricultor brasileiro não aprendeu ou não se lembra mais da lição dos anos 30/40, quando o uso abusivo da laranja Azeda (conhecida entre nós como laranja da terra) levou à morte milhões de plantas, causada pela doença de vírus tristeza, fatal para as variedades enxertadas nesse porta-enxerto. O atraso sofrido pela citricultura brasileira foi de, pelo menos, 10 anos. Somente em São Paulo morreram mais de 10 milhões de árvores. Em todo o País restaram poucas plantas, talvez uns 20%, enxertadas em dois ou três "cavalos tolerantes" usados à época, como a laranja Caipira e o limão Rugoso.

Com raríssimas exceções, as variedades copa cultivadas no Brasil são as mesmas, de Roraima ao Rio Grande do Sul, do Acre à Paraíba, com o agravante de ser pequeno o seu número e haver concentração demasiada das laranjas doces que, segundo dados oficiais, ocupam 93% da área cultivada, enquanto as tangerinas e limões dividem entre si os insignificantes 7% que restam.



Além de concentrar demasiadamente o cultivo das laranjas, o País fez outra opção equivocada, elegendo praticamente uma única cultivar para formar os seus pomares. Os dados mostrados a seguir dão uma boa idéia dos exageros da monocultura citrícola da laranja Pêra no país: 45% dos laranjais de São Paulo são constituídos por essa cultivar, o que representa de 75 a 90 milhões de plantas, havendo estimativas também de 90 a 100 milhões. Nos Estados de Sergipe e Bahia, respectivamente segundo e terceiro maiores produtores de citros brasileiros, a Pêra responde por 85 a 90% da área de citros. Se for considerado apenas o plantio de laranjas, essa variedade representa 93 a 98% da área citrícola nos dois Estados, respectivamente. Em Minas Gerais, 70% dos pomares são de laranja Pêra, enquanto no Paraná, que está iniciando uma citricultura nova, e começa mal, a referida cultivar ocupa 60% dos plantios.

Depois da Pêra, as laranjas Natal e Valência são as mais plantadas e, como a primeira, embora se prestem também para o consumo como fruta fresca, são mais indicadas para o preparo de sucos. Os limões e limas ácidas, especialmente os primeiros, têm participação insignificante na citricultura brasileira, assim como as tangerinas, das quais existe uma predominância exagerada das variedades Ponkan e Murcott. No Rio de Janeiro, Estado que talvez tenha as melhores condições para o cultivo de frutas cítricas de mesa no País, predomina a cv. Folha Murcha, com quase 50% dos plantios. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina predominam as variedades Valência e Bahia, talvez porque a 'Pêra' não tenha se adaptado a seu clima frio.

Como se vê, a diversificação é muito pequena, insignificante mesmo. Existe forte concentração em uma variedade destinada à fabricação de sucos, principalmente se forem levadas em conta a extensão do País e a diversidade de condições climáticas e de solos existentes nele, embora saibamos que a opção feita pelo Brasil atendeu às necessidades da época e que o mercado de fruta fresca é muito mais difícil de ser trabalhado, especialmente o externo. As variedades de mesa, como as laranjas do grupo Bahia e Seleta, são plantadas apenas onde a Pêra não conseguiu predominar e, como as tangerinas, são cada vez mais desprezadas. Os pomelos, exigentes de clima quente e com boas chances no País, nunca mereceram atenção dos empresários do setor, menos ainda daqueles de algumas das áreas mais indicadas para o seu cultivo, localizadas no Norte e Nordeste brasileiros.

Atualmente o Brasil exporta cerca de três milhões de caixas, menos que a Argentina e o Uruguai, e, diga-se de passagem, de frutos sem a boa qualidade dos frutos desses países, que resolveram investir no setor. A diversificação da citricultura em alguns países do Hemisfério Sul pode ser analisada pelos dados fornecidos por estudos da FAO de 1995 e da Fundação Cargill de 1998. No caso da laranja, o percentual da área plantada no Brasil é de 93,5% enquanto que na Argentina é de 35%, no Uruguai, 43% e na África do Sul, de 80%. Em tangerina, temos 3,6% de área plantada, 17,7% na Argentina e 43% no Uruguai. Com lima/limão os dados são os seguintes: 2,7% em nosso país, 37,7% na Argentina, 10% no Uruguai e 6,4% na África do Sul. Em relação ao pomelo/toranja, a área plantada no Brasil é praticamente insignificante, com 0,2% da área total de citros cultivada contra 9,7% na Argentina, 4,0% no Uruguai e 13,6% na África do Sul.

(*)Almir Pinto da Cunha Sobrinho (almir@cnpmf.embrapa.br), Orlando Sampaio Passos (orlando@cnpmf.embrapa.br) e Walter S. Soares Filho (wsoares@cnpmf.embrapa.br) são pesquisadores da Embrapa.

Edição Atual

Agronews	Agropreços	Finanças	Tempo	Análise FIPE	Agenda
Clipping	Integras	Classificados	Bookmark	Fórum	
Conheça o Agrocast	Assinatura	Minha Conta	Fale Conosco		
Primeira Página Agrocast					

Copyright © 2000 Agência Estado. Todos os direitos reservados.